



Encontros com a poesia e Clube da Poesia, ou de como agir para suspender o céu

Ângela Cogo Fronckowiak, Agda Baracy Netto

acf@unisc.br, <http://orcid.org/0000-0001-7949-2519>;

agdabaracy@mx2.unisc.br, <https://orcid.org/0000-0003-2621-216X>

Resumo

Este artigo busca compartilhar uma iniciativa idealizada pelos professores-pesquisadores da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), instituição de Santa Cruz do Sul, Brasil. Tal projeto intitulado “A poesia encontra a UNISC e a Educação Básica” busca consolidar espaços para a mediação da leitura literária e ganha uma versão autoral no campo da escola, o Clube da Poesia. Essa ramificação ocorre há quase uma década, no Colégio Mauá, escola de Santa Cruz do Sul – RS, com alunos de Nonos Anos. O tempo de nove meses letivos dedicado ao projeto oportuniza a cumplicidade entre mediadora, textos e adolescentes, através da vocalização. A experiência vivida pelos estudantes no Clube da Poesia reforça a importância de espaços que alargam o tempo, com respeito ao silêncio e à escuta, tão potentes quanto a própria voz. Assim, o projeto está intimamente conectado com a extensão e a pesquisa, o que se comprova com a tese de Doutorado que, a partir da fenomenologia, registra o processo dessa iniciativa. Para os encontros na instituição de ensino, que são realizados semanalmente, são disponibilizadas seleções de poemas e canções organizadas por bolsistas e professores da UNISC os quais transformam-se com a identidade adolescente durante os processos de vocalização. Além disso, este texto está embasado em teóricos como Graciela Montes, Cecília Bajour, Gaston Bachelard e Ailton Krenak, autores que, assim como nós, compreendem o caminho a ser percorrido mais potente, às vezes, que a própria chegada ao destino.

Palavras-chave: Mediação de leitura, Vocalização de poemas, Educação leitora, Sensibilização poética.

1. O céu que nos (des)ampara – empurrando o limite para mais além

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. (Ailton Krenak, Ideias para adiar o fim do mundo, 2019).

O presente texto busca revelar o empenho de duas professoras e pesquisadoras na direção de interrogarem-se sobre o valor da escuta e do silêncio quando nos dispomos a percorrer os caminhos da mediação da leitura na docência. Nosso empenho equivale, etimológica e afetivamente, ao “penhor dado como fiança às questões que propomos – em direção aos temas que buscamos estudar, ao que realizamos, às outras individualidades que nos chegam e [...] a nós mesmas – [...] para a concretização das nossas práticas formativas” (Fronckowiak, 2023, p.21).

Na verdade, o artigo poderia chamar-se: “O que nos ampara quando vislumbramos o horizonte inebriadas pela ação de ler com outros?”, pois a reflexão que aqui faremos se esforça em compreender de que modo fomos construindo algum espaço de vitalidade para nosso trabalho de professoras de Literatura e Língua Portuguesa com crianças, adolescentes e jovens na Educação Básica e nos cursos de formação de professores de Letras e de Pedagogia.¹ A partir dos sentidos

¹ No Brasil, a Educação Básica divide-se em três níveis: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A formação para atuação como professor da Educação Básica dá-se no Ensino Superior, em cursos de Pedagogia, que formam para a unicodocência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Fundamental (1º ao 5º ano) e em cursos de formação por área, entre estas a de Letras, através da qual os futuros professores atuarão na docência em Língua Materna, L2 e suas respectivas literaturas.



possíveis atribuídos à invenção que é a narração do vivido, mesmo diante dos desafios que a formação (ou deformação) leitora parece significar contemporaneamente, queremos compartilhar o ar que nos fez (e faz) respirar.

Ailton Krenak (2019) pondera que o tempo se especializa constantemente na criação de ausências, tanto para o sentido da vida social, quanto para o da experiência da própria vida. De certo modo, nós caminhamos na direção contrária – ou tentamos – e podemos indicar como princípio narrativo para nossa argumentação sobre essa tentativa aquilo que Graciela Montes (2020) nos auxiliou a sentir (escutar e ver) ao considerar a perplexidade como condição necessária à ação docente. Diante das inevitáveis perguntas que nos arrebataam na direção das práticas de leitura que conseguimos estabelecer com nossos alunos e alunas, diante do desassossego, da paralisia e da surpresa eletrizantes que a convivência com livros, leituras e gentes nos causam, decidimos sair em defesa justamente da perplexidade, que é “algo louvável, bom e prenhe, embora ainda não parido, algo como o estado de espírito do caos. E o começo de toda leitura” (Montes, 2020, p. 24).

Assumindo o caos gerador, vamos dar a ler, em forma de um véu de palavras chamado texto, essa invenção de um céu cambiável e mutante, de cuja versatilidade temos experimentado as tintas para pintar outros *Encontros* e outros *Clubes*, os nossos. Nesses horizontes inventados e através deles as conversas com o poético da vida conseguem transmutar-se em poesia.

2. Tudo começou (começa) com palavras e algumas questões

Por que lemos poucos poemas no Ensino Médio? Por que temos dificuldade de entender poesia? Por que a maioria dos leitores prefere as narrativas? Nós não gostamos de poemas? Há algum modo de aprender a interpretar a poesia? Por que não conseguimos? Estas e outras questões derivadas, seguidamente propostas por alunos e colegas professores, foram verbalizadas por duas alunas do curso de Letras da UNISC em 1999. A insistência com que buscavam respostas, tentando se desvencilharem daquilo que percebiam como um entrave à sua formação, acabou originando uma iniciativa de extensão dedicada a ler, interpretar e debater poemas no espaço da universidade. Surgia, assim, o projeto *Encontros com a Poesia*, cuja gênese e desdobramentos já foram registrados em publicação recente² (Fronckowiak, 2023).

Durante os últimos 25 anos, temos empurrado os limites do céu na intenção (talvez desígnio) de ajustá-lo ao nosso desejo de constituir parcerias poéticas que possam fundamentar o que entendemos como humanidade, também – e por que não? – na docência. O elo com a poesia dos poemas, nossa disposição para o agir poético com outros constituiu a oportunidade de percebermos (Montes, 2020) – ao longo de já consolidadas carreiras no magistério – que, seguidamente, a relevância da leitura – em especial a literária – não passa de uma falácia bem-feita, de cuja insistência no discurso do ambiente educativo decorre muito mais culpa do que acolhimento à complexidade do sendo humano.

Através de uma compreensão em processo, os *Encontros com a Poesia* sedimentaram-se, desde 1999, em território de conversas sobre poemas, poetas, temas e vivências. À medida em que o projeto acontecia, realizávamos seleções poéticas por temas (são 255 seleções) e confirmávamos a convicção de que a leitura de um poema que se individualiza invade as profundezas do ser do leitor. Para Bachelard (1993, p.7), a repercussão “de uma única imagem poética [gera] um verdadeiro despertar da criação poética na alma do leitor. Por sua novidade, uma imagem poética [...] transporta-nos à origem do ser falante.” E lá se vão mais de 20 anos, como podemos verificar, a título de exemplo, através de alguns dos cartazes iniciais do projeto, reproduzidos nas figuras abaixo (Figuras 1, 2 e 3).

² O projeto *Encontros com a Poesia* foi incorporado, no ano 2000, pelo recém-formado Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos, sob a chancela do CNPq, ainda hoje em atuação, mas rebatizado de Grupo de Pesquisa Estudos Poéticos: Educação e Linguagem em 2016.

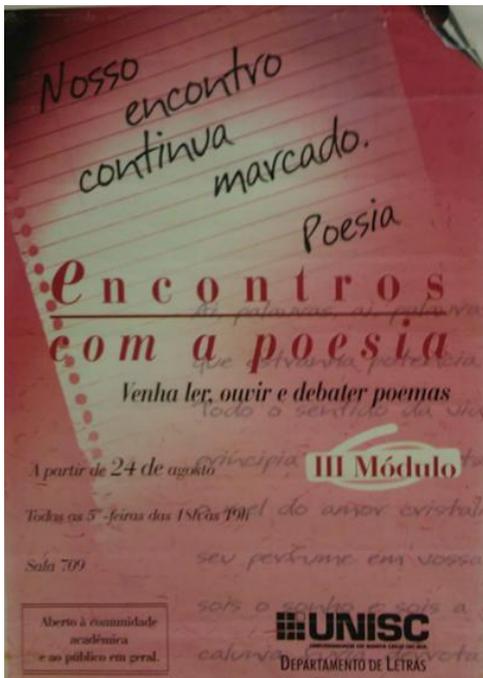


Figura 1. Cartaz do III Módulo: segundo semestre de 2000.
Fonte: Arquivo pessoal.

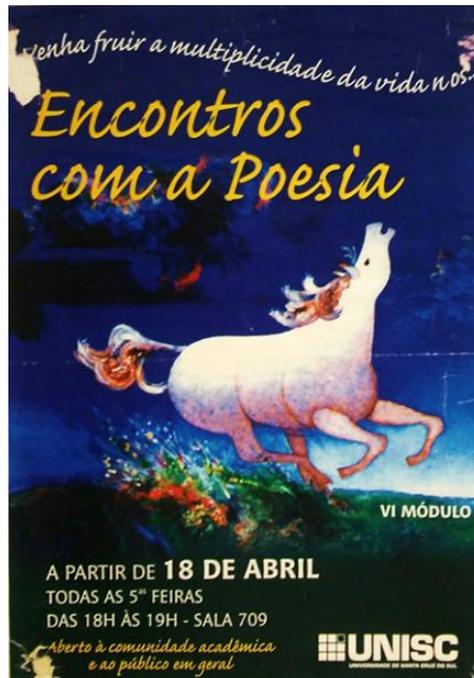


Figura 2. Cartaz do VI Módulo: primeiro semestre de 2002.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 3. Cartaz do XII Módulo: segundo semestre de 2005.
Fonte: Arquivo pessoal.

Em 2016, o *Encontros com a Poesia* passou a integrar o projeto “A poesia encontra a UNISC e a Educação Básica”. A mudança decorreu, principalmente, do reconhecimento de que o restrito círculo de frequentadores dos tradicionais Encontros semanais já eram leitores de poesia e que pouco conseguíamos fazer em termos de mediação para arrancar o gênero da arraigada especialização que o aprisionava e aprisiona. Dentro do quadro de alterações, procuramos a “parceria de docentes de escolas das redes públicas e privadas, formados na UNISC, [...] para [...] prepararem um sarau e, mensalmente, compartilhá-lo como leitura e performance do corpo em voz no auditório do Memorial da UNISC” (Fronckowiak, 2023, p.30).

Embora a eficiência seja seguidamente atestada pela duração, em nossa concepção não há estabilidade sem mudança, que é essencial para que a criação possa continuar ocorrendo. O fato de termos proposto tais alterações, engendradas no bojo da constituição de um outro território de ação, mais vinculado à Educação Básica e à formação leitora, trouxe outro ânimo e outros desafios. O mais relevante decorre da necessária compreensão de que a participação de cada uma das escolas ou coletivos de leitura que vêm à UNISC não implica fazer “uma ‘apresentação’, na medida em que não se trata de um ‘espetáculo’, mas propor sua performance para um tema, relevante para o coletivo, já que foi por ele escolhido e que se tinge de tonalidades num tecido próprio” (Fronckowiak, 2023, p.30).

O Grupo de Pesquisa “Estudos Poéticos: Educação e Linguagem” compreende que não temos sobre nossas cabeças sempre o mesmo céu e nem serão os mesmos limites a nos circunscrever. Por isso, buscamos evitar que os Encontros se transformem em “um discurso sem fissuras, ‘escolástico’ e pouco propenso às perplexidades, que rapidamente faz a língua viva – um fato cultural e histórico complexo, polifônico e ambíguo – passar à categoria de código Morse [...] dúvidas esclarecidas de antemão” (Montes, 2020, p.38).

O anseio de parcerias engendra as associações coletivas. Não um certo tipo de clube que, “na maioria das vezes só limita a nossa capacidade de invenção, criação, existência e liberdade.” (Krenak, 2019, p.8). Mas aquele que encoraja grupos a manterem “vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade” (Krenak, 2019, p.9).

Hoje, muito mais do que uma atividade extensionista, percebemos nos *Encontros com a Poesia* um projeto de muitas mãos³, que adquire a perspectiva, proposta por Larrosa (2004, p. 19), da complexidade de “dar a ler”, justamente porque o dar a ler “é essa paradoxal forma de transmissão na qual se dão simultaneamente a continuidade e o começo, a repetição e a diferença, a conservação e a renovação.” Temos nos tornado presentes, na medida do possível, na intencionalidade de suspender a vontade de domínio que nossa condição docente e humana carrega, assumindo a beleza da impotência.



Figura 4. Dar a ler, momentos potentes de conversas poéticas em diferentes Encontros acontecidos a partir de 2016.

Fonte: Arquivo pessoal.

Os caminhos que foram, ao longo de muitos anos e com a ajuda de muitas mãos, comendo-se necessitaram de outros passos em outros espaços. Essa necessidade já era esperada pelo grupo latente que discutia essas questões dentro da

³ No site da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, é possível encontrar um histórico da gênese do projeto *Encontros com a Poesia*, assim como acompanhar as atividades realizadas ao longo desses anos. Disponível em: <<https://www.unisc.br/site/poesia/index.html>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

Levando em consideração, ainda, que a leitura batia à porta das turmas de Nonos Anos basicamente como “obrigatória”, o papel dela estava à margem do rio que desejávamos. Por isso, poucas certezas nos rodearam no momento do início do projeto, porém, uma delas foi a de que estar com adolescentes que finalizariam o Ensino Fundamental poderia ser um reencontro aguardado por eles. Que reencontro? Vários: com a leitura, com a palavra, com o corpo, com eles mesmo. Um reencontro pulsante e necessário. Todavia, Fronckowiak e Pinto (2019, p. 553) apontam para o fato de que:

a partir do momento em que o sujeito está na escola, ele está à mercê de um sistema que controla o seu tempo, o seu corpo e a sua voz. Essas amarras que lhe são impostas apontam um norte, uma direção a ser seguida, que lhe guiam rumo a um caminho seguro, tomado por certezas, um terreno insensível à experiência.

Sabíamos, assim, que muitos seriam os desafios dentro desse terreno que, por vezes, tem dificuldade de transpor o seu próprio muro, que se acostuma à imagem desse muro, que o define como limite. Desejávamos alargar esse e os demais limites, passar por eles, entre eles, atravessá-los, modificá-los. Por que não, por vezes, apagá-los?

Outro ponto essencial foi a brecha no tempo e na agenda de uma escola privada com dois mil e duzentos alunos, na qual muitos departamentos, clubes e atividades são amplamente divulgados. Então, em conversa com a equipe diretiva, conseguimos⁵ deixar claro que a nossa proposta deveria ser, antes, vivenciada, que, por isso mesmo, não deveria ser paga e ganharia um horário adaptável ao grupo. Isso foi uma grande conquista, porém, de grande complexidade, porque não é fácil encontrar um horário possível para vinte alunos.

Organização com a escola pronta, o desafio era planejar os encontros a partir do incerto, do imprevisível, do inesperado. O desafio era o nosso maior desejo, ele foi procurado por nós, e ele estava ali, aguardando ser o nosso enigma⁶. Nesse sentido, cada encontro, na nossa percepção, seria um privilégio do estar junto e, por esse motivo, não poderia ser desperdiçado. Desde a recepção, a chegada dos alunos, a descoberta dos olhares, cada detalhe foi pensado previamente, embora, na prática, como todos os caminhos a serem trilhados, vários foram os desvios, os percalços, as voltas e os passos.

3. O céu que nos cobre, o céu que buscamos

Se desejamos o enigma, se buscamos um céu diferente daquele que nos cobre, se sonhamos com o alargamento de espaços e de tempos, necessitamos, então, da experiência. É nela e com ela que o corpo pode latejar como se tivesse febre e buscar pelo que há depois dos muros, todos os muros: das escolas, ou não. Sentir é o que faz a palavra ser, ser o que se quer que ela seja. Por isso, antes de chegar até a palavra é preciso sentir o próprio corpo.

Semanas antes do início dos encontros semanais, as professoras visitam as salas de aula das turmas de Nonos Anos e convidam todos os alunos para o *Clube da Poesia*. Entretanto, essa visita está cheia de enigmas, porque uma das falas é exatamente que “só quem vai ao *Clube* sabe o que acontece lá”. É notório como os espaços deixados propositalmente em aberto na nossa fala deixam brechas para que cada um possa imaginar o que, de fato, é esse convite e esse lugar na escola.

Antes de qualquer encontro, as mediadoras têm o cuidado com a forma como o convite chegará ao aluno inscrito, voluntariamente, no *Clube*. Para isso, é planejada uma escrita à mão, a qual é colocada em um envelope e entregue, em sala de aula, para cada estudante (Figura 6). Vale ressaltar, ainda, que o bilhete é nominal, o que o torna exclusivo. São exatamente os singelos detalhes que, para nós, invadem o enigma individual e transbordam em vontade de “querer saber mais”, de “querer conhecer” o espaço para o qual “estou inscrito”, mas no qual “não sei o que acontece”.

⁵ É fundamental atentar para o fato de usarmos aqui a primeira pessoa do plural. Tanto na universidade quanto na escola, há uma rede de pessoas envolvidas com os projetos que acontecem. Na escola, existe um grupo de três professoras amplamente debruçadas nesse olhar atento para a mediação em leitura, para o encontro, para os enigmas: Agda Baracy Netto, Simone Bencke e Nicole Rieger.

⁶ A autora Graciela Montes discorre sobre o termo enigma como aquilo que nos move na busca por algo, pelo desconhecido, pelo ainda não decifrado, aquilo que pulsa em nós, que mantém o desejo latente. (Montes, 2020).

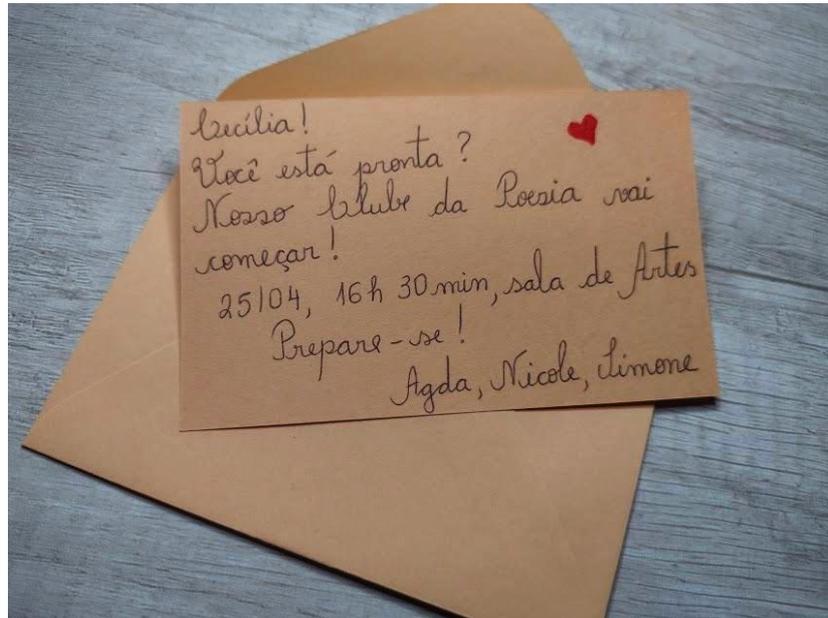


Figura 6. Convite entregue aos estudantes

Fonte: Arquivo pessoal.

No primeiro encontro, o desconforto fica evidente, porque, além do ambiente nada semelhante ao de costume (classes, professores, quadro), os colegas que compõem o grupo nem sempre fazem parte da mesma turma da sala de aula. Por isso, há um olhar muito acolhedor das mediadoras e é organizada uma fala inicial nesse sentido, de que estamos costurando algo a ser chamado “grupo” e que isso exige de cada um o passo primário que caminhará até a cumplicidade. Sabendo a que nos propomos, preparar esse “terreno fértil adolescente” é essencial para as descobertas que estarão por vir.

Um por um dos momentos do *Clube da Poesia* são previamente planejados, o que não significa que o que pensamos será efetivamente posto em prática. Isso depende de muitos aspectos, mas o principal talvez seja como os estudantes chegam àquele encontro. Não são raras as situações em que essa brecha no tempo é tomada por conversas e escutas entre os alunos e as mediadoras. Às vezes, é preenchido por longos silêncios. E está tudo bem. O fato de o projeto não contar com prazos, avaliações e pareceres, torna tudo mais leve, embora a leveza esteja repleta de seriedade.

Por termos um tempo só nosso, do *Clube*, contamos, também, com a oportunidade de viver muitos espaços para o vazio. Em um dos planejamentos do *Clube da Poesia*, depois de ter sido reorganizado duas vezes (porque os alunos chegaram com a ânsia de falar e de compartilharem situações pessoais), vinte adolescentes, sentados e com os olhos vendados (depois de questionados se assim desejavam realizar a atividade), recebem em suas mãos um pequeno pedaço de limão (Figura 7). Enquanto tocam-no, cheiram-no, provam-no, as mediadoras vão alargando o céu ao qual estão acostumados. Lentamente e com o tom mais suave possível, a voz que organiza o momento vai criando o caminho que oferece aos alunos para que escolham percorrer.

Assim, algumas perguntas vão sendo criadas, por exemplo, 1) Qual é a forma do que você tem nas mãos? 2) E o cheiro? 3) E o gosto? 4) Onde está o limão na sua vida? 5) Você convive com pessoa-limão? 6) Como se lida com o limão? Essas e outras questões vão transformando o momento, o silêncio – tão desejado nas mediações – tem outra forma; não é o silêncio opressor, o que intimida, o que constrange. É o silêncio que liberta, que abre caminhos, amplia percepções, modifica o espaço e o tempo. Depois disso, os alunos recebem um pedaço de chocolate e as questões são refeitas, enquanto sentem a derretimento na boca.



Figura 7. Alunos no momento da degustação poética do limão e do chocolate – os sentidos latentes
 Fonte: Arquivo pessoal.

Para cada um dos encontros é pensado, também, o tempo do vazio, do silêncio, e, se for o caso, da escuta. Acreditamos ser imprescindível essa brecha, justamente para que as sensações possam repousar no corpo adolescente, para que o não dito possa ser ouvido. Por isso, o tempo de silenciar faz parte do “estar em grupo”.

Essa experiência torna-se um marco no *Clube da Poesia*. Logo em seguida, os participantes podem falar, se assim desejarem, sobre como foi provocado. É interessante observar o quanto os alunos necessitam se expressar, mesmo que seja um dos primeiros encontros do grupo. Há uma urgência em se sentir acolhido na escuta, aquela que transcende e chega a algo realmente importante para o Clube: a cumplicidade.



Figura 8. Silenciar e, depois, conversar. Em pequenos ou grandes grupos, escutar.
 Fonte: Arquivo pessoal.



Além de planejar cada atividade, valorar o processo e o seu tempo de acontecer é, sem dúvida alguma, um combinado sério a ser seguido. Não compreendemos o *Clube da Poesia* como aula, ou atividade extracurricular que “entra” em uma agenda já bastante movimentada. Estar no *Clube* é querer estar. Esse querer é o que move o grupo durante todas as semanas do ano letivo.

Após muitos momentos de sensibilização, de vivências, de escutas, de silêncios e de afetos, chega o tempo de novos passos. Os alunos buscam por temas que lhes tocam e selecionam sobre quais assuntos gostariam de ler; acontece, então, a escolha de poemas e de canções que desejam vocalizar. Essa seleção, disponibilizada pela universidade, compõe o acervo mencionado anteriormente. Já que muitos temas ficam à disposição, os estudantes que participam do *Clube da Poesia* podem elencar esses textos ou, se desejarem, podem realizar a sua própria curadoria.

Entretanto, vale ressaltar que a seleção é apenas um dos possíveis caminhos a trilhar, porque os alunos podem selecionar quaisquer textos e canções a partir dos temas pensados por eles. Assim, com essas opções, acreditamos que seja possível ampliar o repertório dos adolescentes e, claro, o nosso. Quando os textos estão “na mão”, outro processo tem início: fazê-los ganhar o corpo, atravessá-lo, e dele surgir a voz que trará essas palavras à tona, como a fluidez de um rio: acontece aí o encontro com mais um enigma.

Essa é uma das etapas com que lidamos com mais tempo, mais demora, mais paciência. As primeiras descobertas com o texto que passa pelo corpo e se abraça na voz que dá a ele o mundo são desajeitadas, repletas de timidez, muitas vezes. É preciso mediadores que acolham qualquer iniciativa, qualquer demonstração de ‘um passo à frente’. O tempo nesse processo escorre pelas mãos, mas é necessário preservá-lo, atentando para o fato de que vocalizar é, antes, um corpo que quer dizer. Zumthor (1993, p. 23) mostra a força da vocalidade em relação à ideia circunstanciada de discurso oral, pois o que é vocal, o que exige o empenho do corpo, carrega “a historicidade de uma voz: seu uso [...], já que na voz e pela voz se articulam as sonoridades significantes.”

Contudo, é perceptível quando o texto vai passando por esse corpo, seja impresso no papel, seja na tela do celular. Independentemente do meio utilizado, as palavras vão deixando pequenas marcas, as quais, com o passar dos dias, vão ampliando, ganhando forma, cheiro e voz. As palavras vão sendo tatuadas no corpo e na voz.

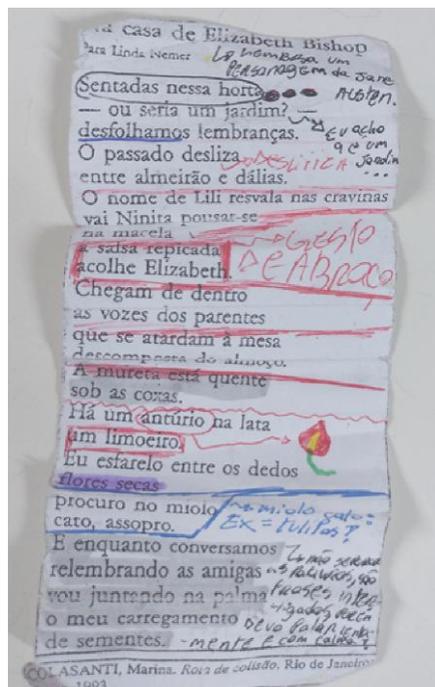


Figura 9. Texto escolhido e minuciosamente estudado por um integrante do Clube da Poesia – texto tatuado em uma mão.

Fonte: Arquivo pessoal.

O céu, o qual desejamos, está nas pequenas ações que acontecem em momentos muito raros de encontro e de buscas individuais e coletivas. O nosso céu não está em uma noite de espetáculo de vocalizações beirando a perfeição e demonstrando a competência de se dizer. O nosso céu é compartilhado com quem quiser ver, sentir e ouvir. Por isso, a convite da universidade, temos um tempo de partilhar nosso processo:

[...] às vezes, as formas de comunicar o que foi feito com a leitura evidenciam uma descrença de que há um fazer no ato de ler. Tenta-se forçar a visualização de alguns processos que quem trabalha seriamente em relação à promoção sabe que são mais da ordem do invisível ou do comunicável por caminhos mais sutis, inteligentes e menos pretensiosos do que o espetáculo. Nesses casos, o que predomina é a necessidade de transformar a leitura e seus protagonistas num espetáculo no qual o ato de ler e os leitores ficam desnaturalizados por trás de uma fachada de festa sem substância. (Bajour, 2023, p. 155).

Assim, na noite em que a Educação Básica encontra a universidade, as famílias e a comunidade, não há festa sem substância. Há, porém, uma festa internamente explosiva, uma festa sutilmente arrebatadora. Para alguns alunos, talvez seja a primeira verdadeira e fiel festa realizada. Esse é o céu que alargamos, que distanciamos com o nosso fazer poético, nosso fazer mediador. Nosso fazer é o que move nosso céu.

4. Considerações Finais

Embora possa anunciar algumas direções, esse texto nada nos diz sobre como realizar encontros com a poesia ou de como fazer com ela clubes ou associações. Ele orienta-se na direção oposta às certezas do método, interrogando os caminhos da mediação da leitura na docência, e ousa questionar-se, com as autoras, sobre o que somos capazes de dar como fiança às intenções que temos, fazendo com que as ações vinculadas à leitura tenham alguma vitalidade. Através de nossas experiências, reconhecemos a perplexidade como condição necessária à ação docente, algo como o estado de espírito do caos.

Questionar e caminhar na direção dos questionamentos gestados no convívio entre professores, alunos e leituras mostrou-se como uma brecha viável para incorporar ao conceito de leitura a complexidade do sendo humano. Foram perguntas que balizaram os primeiros Encontros, assim como elas, num momento posterior, nos auxiliaram a buscar a parceria de docentes de escolas das redes públicas e privadas, formados na UNISC, para alargarem os limites do céu imposto pelas predições catastróficas em relação à leitura. Esses docentes souberam também trazer suas perguntas. Sem uma metodologia a ser repetida ou posta em prática, acabamos reafirmando, cotidianamente, a vontade de que novos “sentires”, ainda sem raiz, possam ganhar a substância de serem criação no ambiente escolar, tantas vezes hostil à palavra, à vivência, ao olhar.

Assumimos, com Graciela Montes (2020), as infinitas oportunidades que podem – diante do fluxo da vida em linguagem – nos tornar ilha, desvio, ou mesmo o próprio fluxo que constitui o rio. E embora estejamos, enquanto professores, vinculados a um sistema que controla nosso tempo, nosso corpo e nossa voz, ainda assim nos deixamos ser tocados pela experiência e pelo privilégio de estar juntos, assumindo os desvios, os percalços, as voltas e os passos que fazem sentir o que quer que seja a palavra ser. Ao longo desses 25 anos, para o *Encontros com a Poesia*, e 7 para o *Clube da Poesia*, a cumplicidade do vazio, do silêncio e da escuta tem sido nossa entrega a um projeto de muitas mãos, que assume a complexidade de “dar a ler”, gestando tantos encontros quanto os possíveis e na intencionalidade genuína de, assumindo a beleza da impotência, ver nascer outros céus, como o *Clube da Poesia*, que faz o caminho inventando também o seu.

5. Referências

- Bachelard, G. (1993). *A poética do espaço*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes.
- Bajour, C. (2023). *Cartografia dos encontros: Literatura, silêncio e mediação*. Tradução de Cícero Oliveira. São Paulo: Selo Emília.



- Fronckowiak, A. (2023). Tempo de desassossego ou poética do empenho da vida em pandemia. In: LINO, Dulcimarta; RICHTER, Sandra (Orgs.). *III Seminário Estudos Poéticos: exercícios de imaginação poética na escola*. Rio de Janeiro: NEFI (Coletivos, 9).
- Fronckowiack, A.; Pinto, A. G. (2019). Poéticas da voz no compartilhamento do gênero dramático: Shakespeare em sala de aula. In: Cardoso, R. M.; Gabriel, R.; Guimarães, R. E.; Lebler, C. D. C.; Soster, D. A. (Orgs.). *Tendências contemporâneas na pesquisa em literatura: Rede Sul Letras*. São Paulo: Pontes.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Larrosa, J. (2004). *Linguagem e educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Montes, G. (2020). *Buscar indícios, construir sentidos*. Tradução de Cícero Oliveira. Salvador: Selo Emília e Solisluna.
- Zambrano, M. (2011). *Notas de um método*. Madrid: Tecnos.
- Zumthor, P. (1993). *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Tradução de Jerusa Pires e Amálio Pinheiro Paul. São João: Companhia das Letras.